
A Rádio Jornal do Brasil no contexto do Golpe Civil-Militar de 1964¹

Pedro Serico Vaz Filho²

Centro Universitário FMU, Faculdades Metropolitanas Unidas

Resumo:

O presente artigo resgata fatos ocorridos no Brasil na ocasião do Golpe Civil-Militar de 1964, que instaurou a Ditadura Militar no país, vigente até o ano de 1985. A delimitação dessa pesquisa apresenta o contexto da Rádio Jornal do Brasil, que sofreu uma invasão no dia 31 de março de 1964, data da deflagração do mencionado Golpe. Sendo esta, uma ação violenta causada por grupos legalistas de apoio ao presidente João Goulart. No mesmo contexto revelamos ataques sofridos por outras emissoras de rádio, causados por sublevados do comando militar que ocupou o poder naquela ocasião. Dessa forma este estudo enfatiza a força do rádio como meio temido, e ao mesmo tempo valorizado, por integrantes de domínio, ainda que em denominações políticas opostas.

Palavras-chave: Golpe Civil-Militar de 1964; Ditadura Militar; Rádio Jornal do Brasil – Poder do rádio

Introdução

O ano de 2024 marca os 60 anos do Golpe Civil-Militar de 1964, ocorrido no Brasil instaurando a Ditadura Militar no país, mantida até o ano de 1985. Independente da efeméride, é fundamental reconstituir o citado período, pois “ainda há reflexões importantes a fazer em relação àquele episódio, que até hoje não foi superado pela sociedade brasileira”³. As repercussões da ascensão dos militares ao poder começaram com a cassação de direitos políticos dos derrotados. Na sequência, viriam a perseguição, a censura, a tortura, enfim, o amplo leque de alternativas repressoras dos regimes autoritários (Ferraretto, 2000, p. 150).

A partir do contexto do Golpe Civil-Militar de 1964, o direcionamento do presente artigo busca a reconstituição do período, pela perspectiva radiofônica. Por esta abordagem

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora do 46º. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutor pela Universidade Metodista de São Paulo, com pós-doutorado pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, docente no Centro Universitário FMU, Faculdades Metropolitanas Unidas, e-mail: pedrovaz@uol.com.br.

³ Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2021/04/por-que-devemos-nos-lembrar-do-golpe-de-1964/>
Consultado em 15/08/2023.

esta pesquisa apresenta como amostragem a invasão armada à sede da Rádio Jornal do Brasil⁴, no dia 31 de março de 1964 (terça-feira) data do princípio da sublevação golpista que alcançou o poder. Dessa forma, com base em matéria publicada no Jornal do Brasil, no dia 01 de abril de 1964 (quarta-feira), meio impresso vinculado à citada estação radiofônica. Esta pesquisa se deparou também com ocorrências da mesma dimensão violenta, contra outras estações de rádio, em decorrência da deflagração do citado Golpe, que concomitantemente teve o apoio de inúmeros meios de comunicação.

A invasão à JB

No dia 01 de abril de 1964, o Jornal do Brasil publica em primeira página a foto de um militar na entrada da Rádio Jornal do Brasil. Na legenda: “Gorilas invadem a JB”. O primeiro impacto da manchete do mencionado jornal, causa a ideia de que os sublevados seriam os responsáveis pela invasão à emissora. Inclusive a partir do título da matéria: “Fuzileiros com metralhadoras invadem a JB e tiram a rádio do ar”. Tal entendimento estaria acentuado pela atmosfera daquele momento de total instabilidade política no Brasil. No entanto, o texto da matéria revela que os fuzileiros navais que adentraram à estação eram comandados pelo então almirante Cândido da Costa Aragão, oficial leal à presidência civil. Pessoas mais atentas, e conhecedoras da linha editorial do grupo Jornal do Brasil e da política vigente, não cometeriam o engano de achar que a invasão à rádio Jornal do Brasil seria de ordem da sublevação militar. Abaixo a reprodução do primeiro parágrafo da notícia de capa da citada edição:

Quem chegasse às 8h30 da noite de ontem ao edifício do Jornal do Brasil e da Rádio Jornal do Brasil não poderia entrar pois encontraria na porta, metralhadora em punho, um fuzileiro naval. E se olhasse pela parede de vidro dos estúdios da rádio teria a impressão de assistir a um filme de gangsters: quatro outros fuzileiros, comandados pelo Tenente Arinos, moviam-se como gorilas pelos estúdios, seus movimentos tolhidos pelas metralhadoras que ameaçavam microfones, painéis de instrumentos e os funcionários estupefatos com aquela irrupção de selvageria tecnológica em plena Avenida Rio Branco.⁵

⁴ A Rádio Jornal do Brasil foi fundada no dia 10 de agosto de 1935, sob o prefixo PRF 4, posteriormente ZYJ453.

⁵ Disponível em

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_08&pasta=ano%20196&pesq=R%C3%A1dio%20Jornal%20do%20Brasil&pagfis=51573. Consultado em 09/07/2023.

O esclarecimento da notícia da invasão à emissora recebe destaque na página 4, do Jornal do Brasil, (na mesma edição de 01/04/1964), com detalhamentos sobre o fato, conforme reprodução da matéria abaixo.



Fuzileiros com metralhadoras invadem JB e tiram Rádio do ar

Rádio ocupada

Um choque do Corpo de Fuzileiros Navais invadiu na noite de ontem as dependências do JORNAL DO BRASIL, fazendo disparos para o ar e desarmando os guardas da polícia interna do jornal, que ficou interditado por cerca de meia hora. Os fuzileiros navais subiram até o quinto andar do edifício pelas escadas e tiraram do ar a RADIO JORNAL DO BRASIL, sob a alegação de que ela estava transmitindo "notícias altamente subversivas".

HISTÓRIA

O Superintendente do JORNAL DO BRASIL e da RADIO JORNAL DO BRASIL, Sr. Bernard Campos, foi chamado ontem cerca das 19 horas pelo Coronel Scaffa, Diretor do Conselho de Telecomunicações, a fim de prestar esclarecimentos sobre a irradiação do jornal falado das 18h 50m julgado pelo mesmo Coronel como altamente subversivo.

O Sr. Bernard Campos ao chegar à presença do Coronel Scaffa exibiu o notário irradado, ocasião em que o Coronel julgando como altamente subversiva uma notícia a respeito de uma reunião secreta presidida pelo General Castelo Branco no Ministério da Guerra, deu voz de prisão ao Superintendente da RADIO JORNAL DO BRASIL, dizendo que seria apresentado ao Comandante do I Exército para esclarecer a fonte da notícia.

RELAXADA ORDEM DE PRISÃO

Quase que imediatamente foi relaxada a ordem de prisão, comunicando o Coronel Scaffa que seria mandado um choque de Fuzileiros Navais aos transmissores da PFP-4, a fim de lhes dar toda a proteção e recomendou que só fossem transmitidas pela RADIO JORNAL DO BRASIL notícias que emanassem dos Gabinetes do Ministro da Guerra, Justiça, do Comandante do I Exército ou do próprio Contel.

Ao regressar à sede da RADIO JORNAL DO BRASIL por volta das 20h45m, o Superintendente da RADIO JB encontrou o quinto andar, onde funciona a PFP-4, ocupado por um choque de fuzileiros navais, recebendo a notícia que a estação havia sido retirada do ar.

Imediatamente o Sr. Bernard Campos entrou em contato telefônico com o Coronel Scaffa, comunicando-lhe a ocorrência. O Diretor do Contel ordenou a retirada dos fuzileiros navais e prometeu que a estação voltaria ao ar.

RADIO VOLTA AO AR

Cerca das 21h11m, a RADIO JORNAL DO BRASIL voltou ao ar.

O choque de fuzileiros navais, depois de entrar no prédio do JORNAL DO BRASIL, dividiram-se, permanecendo dois fuzileiros à porta de entrada do prédio do JB, enquanto os outros ocupavam as instalações da RADIO JORNAL DO BRASIL. Só depois da comunicação telefônica, mantida pelo Sr. Bernard Campos com o Diretor do Contel, foi que os fuzileiros navais se retiraram, cerca das 21h20m. A saída, os militares deram um "até logo" constrangidos aos guardas do JB.

"Um engano"

O Superintendente da RADIO e JORNAL DO BRASIL, Sr. Bernard Campos, em seguida ao ocorrido, entrou em contato com o Comandante do Corpo de Fuzileiros Navais, Almirante Cândido Aragão, pedindo explicação pela invasão da emissora, recebendo do mesmo apenas a resposta que "foi por engano".

Os fuzileiros navais, extremamente nervosos, apontavam as suas metralhadoras indistintamente para todos os funcionários do JORNAL DO BRASIL.

No quinto andar, onde funciona a RADIO JORNAL DO BRASIL, os soldados encostaram, a bico de metralhadora, os operadores contra as paredes e desligaram os transmissores.

SOLIDARIEDADE

Após os disparos de metralhadora, numerosos populares se aglomeraram em frente ao edifício do JORNAL DO BRASIL, procurando informações sobre o acontecimento.

Alguns deles manifestaram o desejo de ingressar no edifício, a fim de prestarem solidariedade aos funcionários da casa. Os repórteres do JORNAL DO BRASIL, Antônio Augusto e Roberto Azevedo, foram ligados contra a parede da entrada do edifício pelos fuzileiros navais.

O choque de fuzileiros navais ao JORNAL DO BRASIL no Aero-Willis 1963, prateleira 85-31-08, e nas Kombi placas 85-95-99 e 85-40-39, 16 das oficiais.

GARANTIAS

O Subcomandante da Guarnição de Fuzileiros Navais do Quartel Central, Capitão-de-Mar-e-Guerra Ari da Proença, declarou ao JORNAL DO BRASIL, na noite de ontem, que o envio de Fuzileiros Navais à RADIO JORNAL DO BRASIL não foi com o objetivo de fechar ou proibir a transmissão da emissora, mas sim com a finalidade de garantir o seu funcionamento, "conforme aconteceu com todas as outras emissoras da Guanabara".

Reprodução da página 04 do Jornal do Brasil, edição de 01/04/1964.

A matéria aqui reproduzida descreve um interrogatório sofrido pelo superintendente da Rádio Jornal do Brasil, Bernard Campos, que apresentou depoimento ao então diretor do Conselho de Telecomunicações, Coronel Scaffa. Após a apresentação do teor da redação do noticiário exibido na rádio, Bernard Campos recebeu do coronel voz de prisão, com a alegação de que a estação estava transmitindo no radiojornal das 18h50, "notícias altamente subversivas"⁶. No caso, o noticiário revelava uma reunião secreta do então general Humberto de Alencar Castelo Branco. Este importante articulador da conspiração golpista, que tomou o poder e destituiu o presidente da República, na ocasião, João Belchior Marques Goulart, o Jango. No entanto, tal ordem foi relaxada pouco tempo depois. A mesma publicação informa que Bernard questiona o comandante do corpo de fuzileiros navais almirante Cândido da Costa Aragão. É importante reiterar que o grupo comandado por Aragão era formado por tropas legalistas de apoio ao presidente João Goulart.

⁶ Menção ao primeiro parágrafo na matéria publicada no Jornal do Brasil, edição de 01/04/1964, página 04. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=R%c3%a1dio%20Jornal%20o%20Brasil&pagfis=51578. Consultado em 15/06/2023.

Com a exposição desse acontecimento violento, ressaltamos novamente a importância do rádio, naquele intenso conflito político, em meio a tantas inseguranças e instabilidade. No caso, com registros que revelavam a ação de membros que integravam o grupo legalista do então presidente João Goulart. No lado oposto, estava a sublevação militar também. Esta estrategicamente avaliando o poder da radiodifusão naquele momento e agindo igualmente com veemência para censurar programações de rádio ou mesmo fechar emissoras resistentes aquele sistema político.

Ataques a outras estações de rádio

No dia 02 de abril de 1964 (quinta-feira), o Jornal do Brasil prossegue com informações sobre outros acontecimentos em emissoras de rádio do Rio de Janeiro. Na primeira página daquele dia, é publicada a informação sobre o fechamento das rádios Nacional e Mayrink Veiga. Na sequência a repercussão da invasão à Rádio Jornal do Brasil e a notícia do empastelamento do jornal Última Hora, que era contrário ao Golpe. Este periódico também publica, em 02/04/64, na primeira página, fotos da depredação e do incêndio causado nas sedes do jornal, no Rio de Janeiro e em Recife. Abaixo a reprodução da notícia dos ataques publicada no Jornal do Brasil, na mencionada data:

Às 16 horas as rádios Nacional e Mayrink Veiga, que formavam uma cadeia da legalidade, irradiando notícias de interesse do governo saíram do ar. A Rádio Jornal do Brasil esteve fora do ar durante 40 minutos, por violência de fuzileiros navais, que obedeceram a ordens do Ministro da Marinha, segundo eles próprios disseram. A Rádio JB teve que optar entre integrar a rede governista e permanecer sem noticiários, tendo preferido esta última alternativa. Este jornal foi invadido ontem, pela segunda vez em 8 horas por fuzileiros. (...) O jornal Última Hora, foi atacado: quebraram máquinas de escrever, cadeiras e arquivos, e puseram fogo em caminhonetas. Fatos idênticos repetiram-se na sede da UNE, onde coquetéis Molotov provocaram incêndio, logo debelado pelos bombeiros.⁷

A partir dos relatos e citações acima, cabe na sequência a caracterização e conceitos políticos da Rádio Jornal do Brasil, naquele ano de 1964, assim como do Jornal do Brasil, meios vinculados, que seguiam a mesma linha editorial. Dos estudos da

⁷ Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_08&pasta=ano%20196&pesq=R%C3%A1dio%20Jornal%20do%20Brasil&pagfis=51605. Consultado em 15/08/2023

professora Ana Baumworcel sobre a emissora, esta revela que “Dreifuss (1981) e Nascimento (2007) defendem que o Jornal do Brasil, por trás da “fachada de órgão informativo, era usado como canal de divulgação para a campanha ideológica da elite orgânica e colaborou para que o golpe fosse aceito pelos leitores”.⁸ A autora ainda apresenta um perfil apurado da postura editorial da mencionada estação radiofônica no artigo “A História de 1964 pelas Ondas da Rádio Jornal do Brasil-AM”.

Assim como o Jornal do Brasil, a rádio JB-AM adotou uma postura ideológica liberal conservadora em 1964. (...) a emissora construiu uma “retórica de adesão” ao golpe militar, contribuindo, inclusive, para a sua realização. Ao participar da Rede da Democracia⁹, fez campanha ideológica, “em clima de guerra” contra o governo do presidente João Goulart, identificando-o como “subversivo, comunista e golpista”. No início do governo, em 1961, assim como o JB, ocupou uma posição enunciativa de apoio à legalidade, se colocando no centro, “entre direitistas e esquerdistas”. Em 1963, muda de posição, se aproximando das forças políticas que queriam a deposição do presidente. No entanto, em alguns momentos, seu discurso é ambíguo. E, nessa ambiguidade, apresenta algumas vozes de oposição aos militares e os fatos que revelam, sutilmente, de forma implícita, uma postura antidemocrática da “revolução vitoriosa”. Mas uma posição enunciativa contrária à ditadura, a RJB-AM só adquire, paradoxalmente, depois da censura contínua à imprensa, instaurada com o Ato Institucional n. 5, em 1968. Como revelado, em outros estudos, pela autora deste trabalho, a emissora constrói uma “retórica de resistência”. Porém, seu discurso não é linear, unívoco, nem na retórica de adesão, nem na de resistência. Certa ambiguidade coexiste em suas múltiplas estratégias discursivas em diferentes momentos históricos (Baumworcel, 2014, p.13).

Por esta linha explicativa Baumworcel reafirma que a “Rádio Jornal do Brasil AM reproduzia a posição enunciativa do Jornal do Brasil”, situação que nos faz recompor e entender a questão da formação de opinião daquele período. Dessa realidade, sobre aquele momento, recorreremos a outras fontes que registram inúmeros meios de comunicação declaradamente apoiadores do Golpe Civil-Militar de 1964.

Às vésperas de 1964, o presidente João Goulart, Jango, propunha reformas de base (como por exemplo, a agrária) com o aprofundamento do projeto nacional desenvolvimentista e incomodou a oligarquia. Os grupos jornalísticos começaram o bombardeamento, caracterizando as reformas nas matérias como antimodernas e populistas. No contexto da Guerra Fria, o comunismo era propagado no imaginário da sociedade brasileira como uma ameaça, sendo difundido dessa forma pelos

⁸ Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2155-1.pdf>. Consultado em 14/08/2023.

⁹ Rede da Democracia. Disponível em <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/22099/eduardo%20todo.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Consultado em 16/08/2023.

principais jornais, assustando a população e gerando um clima favorável à instalação da ditadura no país. Jornais como Folha de São Paulo, Jornal do Brasil, O Estado de São Paulo, O Globo, Tribuna de Imprensa, Estado de Minas legitimaram a derrubada do presidente, incentivando e julgando e, por meio de editoriais diários, apoiando a instalação de uma ditadura militar e a deposição de João Goulart¹⁰.

Dos meios impressos já mencionados de apoio ao Golpe Civil-Militar de 1964 destaca-se também o extinto jornal Correio da Manhã (periódico do Rio de Janeiro em circulação de 1901 a 1974), considerado por muitos um jornal de oposição à ditadura, mas também famoso pelos seus editoriais Basta! Fora!, que, respectivamente nas edições de 31 de março e 1º de abril de 1964, defendiam enfaticamente a saída de João Goulart da presidência às véspera do Golpe (Chammas, 2012, p. 12)¹¹.

Dessas circunstâncias políticas de 1964, seguimos evidenciando tais acontecimentos que também estão registrados na obra intitulada Rádio Palanque, da autora Sonia Virginia Moreira, que menciona as repercussões daquela fase, contra a imprensa, sobretudo pelas estações de rádio:

No dia 1º de abril, destacamentos do Grupo de Fuzileiros Navais ocuparam o Jornal do Brasil, a Tribuna da Imprensa e O Globo. Pouco depois das 14 horas, as Rádios Mayrink Veiga e a Nacional saíram do ar. (...) A sede da UNE foi incendiada e o jornal Última Hora, janguista, empastelado¹². No dia seguinte, 2 de abril, a Rádio MEC viveu uma situação inusitada: o professor de história medieval da antiga Faculdade Nacional de Filosofia, Eremildo Luiz Vianna, invadiu a emissora do Ministério da Educação com um grupo de dez alunos armados, para destituir a então diretora, Maria Yedda Linhares, e tomar posse (Moreira, 1998, p. 66).

O cenário relacionado neste artigo sobre o Golpe Civil-Militar de 1964, também enfatiza o trabalho da autora Lia Calabre, que assina a obra A Era do Rádio, revelando embates da repressão política do ano de 1964 às estações de rádio. Dessa forma nos auxiliando na reconstituição daquele momento acerca da radiodifusão:

O golpe militar de 1964, que levou à investigação e à cassação de muitos dos grandes astros da Rádio Nacional e ao fechamento da Rádio Mayrink Veiga, de orientação legalista, juntamente com questões de gestão internas das emissoras, representou um momento de ruptura definitivo na história do rádio

¹⁰ Disponível em:

http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho_submissaoId_1107_11075cca40caa7fe7.pdf. Consultado em 16/08/2023.

¹¹ Disponível em: file:///C:/Users/Lg/Desktop/2012_EduardoZayatChammas.pdf. Consultado em 16/08/2023.

¹² Revista “Nosso Século”, número 71, p. 72.

brasileiro. O governo militar investiu na integração televisiva do país e as emissoras foram adotando o modelo de rádios locais, com notícias e prestação de serviços, músicas gravadas e esportes, como no slogan da Rádio Globo, criada em dezembro de 1944: “Música, esporte e notícia”. Os “anos dourados” do rádio no Brasil chegavam ao fim.” (Calabre, 2002, p. 49-50).

Dos periódicos e das referências bibliográficas anteriormente citadas, é importante explicitar o papel da Rede da Democracia, inserida na citação de Baumworcel, 2014, p.13. Tratava-se de um programa de rádio diário, que teve formação no ano de 1963, pelos jornais O Globo, Jornal do Brasil e Diários Associados. A produção esteve sob o comando das estações de rádio, vinculadas aos citados jornais. Eram as rádios Globo, Jornal do Brasil e Tupi, conforme descreve Eduardo Gomes Silva:

(...) retransmitido por centenas de emissoras país afora, sempre no horário compreendido entre as 22h30min e meia-noite. Também de forma padronizada, uma considerável parte daqueles programas chegavam à mídia impressa graças ao espaço que O Globo, Jornal do Brasil e O Jornal passaram a reservar à transcrição de seus conteúdos; complementando, ao mesmo tempo que destoavam, da campanha anti-Goulart que esses mesmos diários implementavam através de editoriais, colunas assinadas e demais reportagens de cunho oposicionista. Seu período de atuação estendeu-se até abril de 1964, dias antes do general Castelo Branco ser empossado presidente da República (Silva, 2008, p. 01).¹³

Desse nosso recorte sobre o Golpe Civil-Militar de 1964, integrado com o meio rádio, resgatamos ainda uma das publicações de maior circulação do Brasil, naquela década de 1960: a revista O Cruzeiro, declaradamente apoiadora do Golpe. Esta dedicou uma edição especial celebrando a sublevação militar. “O Cruzeiro”¹⁴ pertencia ao grupo das Emissoras e Diários Associadas, do empresário Assis Chateaubriand.

Revista O Cruzeiro, apoiadora do Golpe

Do período aqui estudado, apuramos outros registros sobre a Rádio Jornal do Brasil publicados na revista “O Cruzeiro. A edição de 10 de abril de 1964 revela detalhes da já citada invasão à emissora. A capa da revista apresenta como destaque especial, a

¹³ Disponível em:

<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/22099/eduardo%20todo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

Consultado em 16/08/2024.

¹⁴ Revista “O Cruzeiro”, artigo sob o título Revolução. Rio de Janeiro, 1964, p. 36.

palavra “extra”. No título a frase “Edição histórica da Revolução”. Na foto, o então governador de Minas Gerais, José de Magalhães Pinto. Este um dos integrantes da organização da derrocada de Goulart. Também um dos signatários do AI-5¹⁵. A revista “O Cruzeiro”, assim como outros meios, se referia ao Golpe Civil-Militar de 1964, com o termo “revolução”¹⁶. Aquela edição circulou com quatrocentos e vinte e três mil exemplares pelo país. Abaixo trecho da citada matéria:

Às 19 horas, do dia de temor, que era o 31 de março, a Rádio Jornal do Brasil é invadida por um grupo de fuzileiros. Armados de metralhadoras, equipados para uma batalha. Motivo alegado para a invasão: divulgação de uma nota em que se dizia que o General Humberto Castelo Branco se reuniria com diversos oficiais-generais no Ministério da Guerra. O Ministério, àquela altura, era tido e havido como reduto do Governo Federal. A Rádio, daí em diante, passou a transmitir apenas noticiários internacionais, em seus programas noticiosos. Pouco mais tarde, naquela mesma noite, 200 soldados tomavam conta da Central do Brasil, que aderira à greve da Leopoldina.¹⁷

A referida edição da revista O Cruzeiro, destaca com foto em pagina inteira (pg 15) uma “chuva de papeis picados” no centro da cidade de São Paulo, sob a legenda: “O paulista sabia o que queria quando apoiou, integralmente, a campanha de volta à Democracia lançada pelo governador Ademar de Barros. Por isso, na hora em que a notícia da vitória foi dada, o povo de São Paulo rebentou no mais puro entusiasmo democrático”. Pela dimensão do alcance da revista O Cruzeiro, e dos demais meios impressos aqui citados, incluindo a Rede da Democracia, temos amplas referências sobre o quadro da manipulação das informações sobre a população daquele período.

O Golpe, o rádio e o analfabetismo

Diante de tão ampla temática, sobre aquela sublevação, o presente artigo busca a delimitação por fatos relacionados ao rádio. Dessa forma, por ser este um meio

¹⁵ AI-5, Ato Institucional Número 05, de 13 de dezembro de 1968, assinado pelo então presidente da República Artur da Costa e Silva (1899-1969).

¹⁶ Segundo os militares que realizaram o golpe de Estado que depôs o presidente legalmente instituído João Goulart, em 31 de março de 1964, a ação foi uma “autêntica” revolução, vitoriosa (...). Entretanto, algumas questões são levantadas. Se a “revolução” traduzia o interesse e a vontade da nação, por que ela depôs um presidente que tinha apoio popular? Nesse sentido, é possível afirmar que o golpe militar de 1964 traduziu também a vontade de um grupo, pois, caso contrário, não seria necessário reprimir, depor e prender a outra parte, ou o outro grupo, que também fazia parte da nação brasileira. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/revolucao-ou-ditadura-militar.htm>. Consultado em 09/07/2023.

¹⁷ Trecho da matéria publicada na revista “O Cruzeiro”, edição de 10/04/1964, página 36, sob o título “Revolução”.

imediatista, acessível, popular e, como descreve Isabel Vieira: “o rádio torna-se um instrumento ideológico na medida em que seu controle e propriedade o transforma em ‘arma’ - arma que mobiliza, induz, liberta ou escraviza”. A autora também enfatiza o rádio como “um poderoso instrumento político que tanto pode servir à mudança como à manutenção de um Estado, das relações sociais, da própria liberdade individual e/ou coletiva¹⁸.

Os estudos da ditadura militar nos oferecem registros de “repressão através da censura, principalmente aos meios de comunicação, especificamente o rádio, concessão pública alvo constante dos censores” (Paes, 2002)¹⁹. A violência era a marca do primeiro momento do Golpe Civil-Militar de 1964:

O setor de radiodifusão não foge à regra. Ocorrem demissões – por vezes seguidas de detenção – e gradativamente, com fortalecimento da linha dura do regime, emissoras são fechadas e a censura torna-se prática comum. Já nos primeiros momentos do Regime Militar a repressão voltou-se contra as rádios que haviam ensaiado algum tipo de resistência . (Ferraretto, 2000, p. 150).

Um dos fatores preponderantes do rádio é a linguagem, exclusivamente dirigida aos ouvidos, e sobretudo contemplando a população analfabeta. Incluindo os recursos já comuns naquele ano de 1964, como a mobilidade, por aparelhos portáteis, os chamados “radinhos de pilha”. Também os aparelhos instalados em automóveis e locais públicos. Razão esta que redobrava a atenção de integrantes do poder. Fosse de direita ou de esquerda. Do numeroso analfabetismo no Brasil daquele período, é crível o raciocínio da classe política dominante sobre a população que não sabia ler nem escrever, mas tinha o rádio como principal, se não única, fonte de informação.

Destaca-se que “em 1964, de acordo com o Anuário Estatístico Brasileiro, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população brasileira era de 79,8 milhões de pessoas”²⁰. Este anuário também informa que “o número dos que viviam em área rural alcançava 33 milhões”. Pelo IBGE, a década de 1960, contava com 39,7 por cento da

¹⁸ Vieira, Isabel. Rádio – ele nunca esteve tão vivo. In: Singular & Plural, no. 5, abril, 1979, p. 58. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd136/o-radio-como-recurso-didatico.htm>. Consultado em 13/08/2023.

²⁰ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/03/24/1964-pouco-antes-do-golpe-reforma-agraria-esteve-no-centro-dos-debates-no-senado>. Consultado em 09/07/2023.

população entre 15 anos ou mais, analfabeta²¹. Por este quadro, da então geografia do país, e pela força de inserção radiofônica, o rádio era, e se sempre foi, muito visado, e mesmo temido por aspirantes e principalmente integrantes do poder, ainda que em denominações políticas opostas. “Com grande poder de penetração entre as massas, muito cedo o rádio e a política se uniram, com objetivos de doutrinação ideológica. E o rádio conseguiu servir aos interesses políticos com “maquiavélica” eficiência (Ortriwano, 1985, p. 60).

Considerações finais

O cenário político do ano de 1964, com ataques aos meios de comunicação, nos indica a importância do rádio, sobre todos os ângulos e posições políticas. Entre outros fatores, pelo caráter acessível desse meio, relacionado ainda à questão do considerável analfabetismo no Brasil daquele período. Neste contexto, para esta pesquisa, os meios impressos foram de extrema importância para o resgate histórico aqui apresentado. Por conseguinte, certos comparativos, via textos e fotos de antigas edições, nos revelam estratégias autoritárias do passado notadas ainda no tempo presente. Diante dessa informação, buscamos entender, e revelar nesta pesquisa, detalhes daquela ação, sob a adoção de uma metodologia, que requer documentação em jornais e revistas, tendo ainda no escopo teórico fontes primárias, como as autorias aqui descritas de auxílios fundamentais para a reconstituição e entendimentos das ações advindas do Golpe Civil-Militar de 1964. Os meios de comunicação apoiadores daquela sublevação militar, nos primeiros momentos do Golpe, revelavam festejos e frases de alento e de esperança, como as descritas pelo historiador uruguaio René Armand Dreifuss:

A 2 de abril de 1964, a burguesia comemorou a deposição do Presidente João Goulart com gigantesca marcha de famílias pelas ruas do Rio de Janeiro, um acontecimento cujos os organizadores aguardavam com ansiedade há mais de uma semana. Na hora marcada para o início da marcha, a Avenida Rio Branco continha um mar de faixas contra o comunismo, carregadas por uma multidão calculada em oitocentas mil pessoas. Enquanto multidões percorriam a Avenida Rio Branco, a sucessão presidencial era extensivamente discutida. Os empresários que assistiam a Marcha do escritório do IPES (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais) no Rio, contentes com as aclamações e entusiasmos nas

²¹ Disponível em:

https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/mapa_do_analfabetismo_do_brasil.pdf. Consultado em 09/07/2023.

ruas e muito satisfeitos com o resultado do seu trabalho anticomunista (Dreifuss, 1981, p. 419).

Retratos que certificam a citação de Dreifuss, constam em texto e fotos da revista O Cruzeiro, apoiadora do Golpe, em edição extra, do que a publicação denominava como “Revolução”. Na página 04 a publicação faz uma exaltação ao então governador Magalhães Pinto, integrante da organização do Golpe e do AI-5 (1968), em texto assinado pelo colunista David Nasser:

Agora, eles sabem que a sua coragem não se conta pelos fios de cabelo, o indecifrável Magalhães Pinto, mineiro silecioso, patriota humilde, general sem farda de um dos movimentos mais perfeitos da história revolucionária. O Brasil nunca se esquecerá que o primeiro gripo foi seu, o primeiro gesto de um ballet inesquecível, o primeiro passo da longa marcha democrática (Nassar, 1964, p. 04).

O que podemos destacar dessa citação é que de fato o Brasil “nunca se esquecerá”. Lembrará sempre do Golpe Civil-Militar de 1964, do AI-5, dos anos de chumbo, denominados a partir dos anos de 1970, dos ataques às emissoras de rádio e demais meios de comunicação e sobretudo à formação de opinião.

Referências

_____. Equipe da revista. **Revolução**. Revista O Cruzeiro. Rio de Janeiro: 1964, p. 36.

Almeida, Anderson da Silva. **Almirante Aragão: do Golpe de 1964 ao exílio no Uruguai**. 2014. Disponível em: <https://revistaperseu.fpabramo.org.br/index.php/revista-perseu/article/view/215/175>. Consultado em 24/07/2023.

Benevides, Maria Victoria. **O PTB e o trabalhismo: partido e sindicato em São Paulo, 1945-1964**. São Paulo, Cedec/Brasiliense, 1989.

Calabre, Lia. **A era do rádio – descobrindo o Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Sarhar Editor, 2004.

Cantarino, Geraldo. **1964, a revolução para inglês ver**. Rio de Janeiro: Muad, 1999.

Chammas, Eduardo Zayat. **A Ditadura Militar e a grande imprensa: os editoriais do Jornal do Brasil e do Correio da Manhã, entre 1964 e 1968**. São Paulo, 2012, p. 12. Disponível em: file:///C:/Users/Lg/Desktop/2012_EduardoZayatChammas.pdf. Consultado em 16/08/2023.

Dreifuss, René Armand. **1964: a conquista do Estado, ação política, poder e golpe de classe**. Petrópolis: Vozes, 1981.

Ferraretto, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

Fico, Carlos. **Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. São Paulo: Record, 2004

Froes, Helmício. **Véspera do primeiro de abril: Ou nacionalistas x entreguistas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

Moreira, Sonia Virginia. **Rádio Palanque**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.

Netto, Accioly. **O império de papel: os bastidores de O Cruzeiro**. Porto Alegre: Sulina, 1998.

Ortriwano, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

Ortriwano, Gisela Swetlana. **Radiojornalismo no Brasil – dez estudos regionais**. São Paulo: COM-ARTE, 1987.

Paes, Maria Helena Simões. **A década de 60: rebeldia, contestação e repressão política**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

Silva, Eduardo Gomes. **A Rede da Democracia e o Golpe de 1964**. Niterói: 2008.
Disponível em
<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/22099/eduardo%20todo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Consultado em 16/08/2023.

Vaz, Serico Filho Pedro. **A história do rádio brasileiro na perspectiva dos jornais e revistas do século XX**. Dissertação de mestrado. Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2009.